

PMFS de baixa intensidade, comumente realizado por comunidades tradicionais, muitas experiências têm baixo investimento tecnológico. Atividades manuais ainda são frequentes, com pouca diversidade de planejamento operacional e excessivo esforço físico. Com a finalidade de testar sistemas alternativos para o transporte primário de pranchas de madeira no manejo florestal de baixa intensidade, o Instituto Floresta Tropical (IFT) realizou testes na Reserva Extrativista Ituxi, Lábrea-AM. A área total da Unidade de Manejo Florestal é de 1.403,53ha. A área destinada para o teste corresponde à 1ª Unidade de Produção Anual, com 136ha. Com a finalidade de melhorar os índices de produtividade e diminuir o esforço humano, foram testados o uso do microtrator e motocicleta para o transporte de pranchas de madeira. O uso desses equipamentos, por serem de pequeno porte e ágeis, é uma boa alternativa de aplicação para o manejo de baixa intensidade, em que a aquisição de tratores convencionais se torna inviável. Microtratores e motocicletas têm como principais características a acessibilidade de preços de aquisição, baixo consumo de combustível e custos reduzidos de manutenção. Também a diminuição do esforço físico para a realização da atividade florestal leva à uma maior motivação dos manejadores, diminuindo a evasão da mão-de-obra durante as operações florestais e aumentando o envolvimento do manejador.

**Equipment for drying shell-on Brazil nuts in family extractive operations / Equipamentos para secagem de castanha-da-amazônia com casca em unidades familiares extrativistas**

Virgínia Alvares<sup>1</sup>, Marcelino Guedes<sup>2</sup>, Fernanda Fonseca<sup>1</sup>, Cleisa Cartaxo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Embrapa Acre, Rio Branco, Brasil; <sup>2</sup>Embrapa Amapá, Macapá, Brasil (virginia.alvares@embrapa.br; marcelino.guedes@embrapa.br; fernanda.fonseca@embrapa.br; cleisa.cartaxo@embrapa.br)

Secagem, armazenamento e transporte de castanha-da-amazônia na floresta são etapas críticas da produção. Seu manejo inadequado favorece a contaminação por fungos filamentosos e toxinas de potencial carcinogênico. As tecnologias de manutenção da qualidade e segurança alimentar da castanha devem considerar o custo de adoção e a disponibilidade local de energia, infra-estrutura e mão-obra. Este estudo apresenta resultados da avaliação, em conjunto com produtores extrativistas, dos seguintes equipamentos de secagem de castanha-da-amazônia: 1) secador a ar quente (troca de calor indireto) por convecção natural, instalado na RESEX Chico Mendes (Acre), com capacidade para secagem de 200 a 300 litros de castanha com casca; e 2) paiol solar para secagem e armazenamento, construído em madeira, com câmara de aquecimento coberta com telhas translúcidas, instalado na RESEX Cajari (Amapá), com capacidade para 3000 litros de castanha com casca lavada. O primeiro reduziu o tempo de secagem de 15 dias para 6 horas, controlando fungos filamentosos totais e mantendo os níveis de aflatoxinas abaixo dos limites legais. Como contribuição, os produtores apontaram: necessidade de homogeneização da temperatura no trocador de calor; isolamento térmico da fornalha e redução do fluxo de ar na fornalha. O segundo reduziu o peso inicial em 20% após três dias, fornecendo castanhas limpas e de melhor aparência, atributos desejados pela comunidade por facilitar o transporte e manuseio e, conseqüente, agregar valor. Ajustes nos equipamentos deverão ser realizados para que o produto atinja os padrões de qualidade e segurança normatizados, possibilitando renda às famílias extrativistas e garantindo a sustentabilidade da atividade.

**Optimization of trails and adding value to Brazil nut extractivism (Bertholletia excelsa Bonpl.): a case study / Otimização de trilhas e valorização da atividade extrativista da Castanha-da-amazônia (Bertholletia excelsa Bonpl.): um estudo de caso**

Katia Silva<sup>1</sup>, Thais Vieira<sup>2</sup>, Carlos Ribeiro<sup>3</sup>, Gustavo Marcatti<sup>4</sup>, Alisson Munaretti<sup>5</sup>, Danilo Almeida<sup>6</sup>, Rosiele Vasconcelos<sup>7</sup>, Lúcia Helena de Oliveira Wadt<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Apa Amazonia Ocidental, Manaus, Brasil; <sup>2</sup>UFAM, Manaus, Brasil; <sup>3</sup>Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Brasil; <sup>4</sup>Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, Brasil; <sup>5</sup>UFAC, Rio Branco, Brasil; <sup>6</sup>Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil; <sup>7</sup>IDAM, Manaus, Brasil; <sup>8</sup>Embrapa Rondônia, Porto Velho, Brasil (katia.emidio@embrapa.br; thais.vieira.alves@hotmail.com; caas.ribeiro@gmail.com; gustavomarcatti@ufsj.edu.br; alissonmm.florestal@gmail.com; daniloflorestas@gmail.com; rosi.engflorestal@hotmail.com; lucia.wadt@embrapa.br)

A coleta da castanha-da-amazônia envolve grande número de pessoas, que tem nesta atividade uma importante complementação da renda familiar. Apesar desta importância, a atividade precisa ser cada vez mais valorizada e valorada. A dinâmica de coleta da castanha envolve um grande esforço laboral, com grandes deslocamentos dentro dos castanhais, afim de se realizar a amontoa e quebra de ouriços, para posterior transporte das castanhas in natura. A otimização do traçado de trilhas visa identificar o melhor percurso, combinando fatores que determinam o grau de dificuldade de se percorrer determinada região e uma maior eficiência de acesso a árvores selecionadas, utilizando variáveis de relevo, hidrografia e localização espacial de castanheiras, integradas por meio de geotecnologias, com enfoque em análise de redes. Um estudo de caso foi realizado em um castanhal de aproximadamente 145 ha, localizado no município de Epiaciolândia, Acre, onde se aplicou a metodologia para acesso a 115 castanheiras produtivas. Na geração de trilhas otimizadas, superfícies de custo (tempo) são obtidas, as quais permitem o cálculo do tempo gasto na atividade de coleta da castanha, incluindo deslocamentos no terreno até as árvores produtivas, amontoa, quebra de ouriços e transporte até o destino final. O tempo total gasto na coleta em 115 castanheiras foi de 33 dias/homem, que convertidos ao valor da diária local, resultou em um custo com mão-de-obra de aproximadamente R\$ 1.650,00. O estudo demonstrou ser possível contribuir para a valorização da etapa de coleta, auxiliando em uma mais justa definição de preços do produto para os agroextrativistas.

**Approach to estimating fruit production in native populations of Euterpe precatoria Mart. palms in southwestern Amazonia: experience at the Chico Mendes Extractive Reserve, Acre, Brazil / Abordagem para estimativa a produção de frutos de populações nativas de açai solteiro (Euterpe precatoria Mart.) na Amazônia Sul-ocidental: a experiência da Reserva Extrativista Chico Mendes, Acre**

Fernanda Lopes da Fonseca<sup>1,2</sup>, Cleisa Brasil da Cunha Cartaxo<sup>1</sup>, Lúcia Helena de Oliveira Wadt<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Embrapa, Acre, Brasil; <sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil; <sup>3</sup>Embrapa Rondônia, Porto Velho, Brasil (fernanda.fonseca@embrapa.br; cleisa.cartaxo@embrapa.br; lucia.wadt@embrapa.br)

O principal desafio relacionado à qualidade da castanha-da-amazônia é a presença de aflatoxinas, problema que já chegou a afetar severamente o mercado internacional da amêndoa. O uso de boas práticas de manejo (BPM) tem reduzido significativamente esse tipo de contaminação, possibilitando a retomada do mercado. Se por um lado identificam-se aspectos favoráveis à adoção das BPM por produtores extrativistas, como a adequação das práticas à realidade produtiva, a redução da contaminação e o melhor rendimento no processamento nas usinas, por outro, um conjunto de fatores restringem seu uso. Este resumo tem como objetivo discutir os principais desafios identificados para a adoção das BPM em Brasília, Acre, município brasileiro localizado na fronteira com o Peru e Bolívia. A pesquisa aborda elementos sobre o processo de transferência de tecnologia, sua apropriação e os fatores que interferem na tomada de decisão do extrativista sobre a adoção das diretrizes técnicas de manejo. O estudo se baseou em observações em campo e narrativas de manejadores de castanha. Com base nas informações levantadas, pode-se afirmar que as BPM para a produção da castanha, foram apropriadas pelos extrativistas na etapa de pré-coleta. Entretanto, nas etapas de coleta e pós-coleta, as BPM apresentaram baixa adoção em virtude de fatores como não diferenciação de preço para o produto manejado; elevada concorrência de compradores na região da triplíce fronteira; baixa capacidade de gestão das associações de produtores para buscar mercados diferenciados; e insuficiente assistência técnica para orientar a adoção das práticas e apoiar o monitoramento da qualidade do produto.